

Victor Campagnaro  
Martins dos Santos  
Graduando em  
Psicologia pela  
Universidade Fe-  
deral do Espírito  
Santo – UFES.

Contato  
vitocms81@gmail.  
com

**Palavras-chave:**

S a b e r e s  
tradicionais.  
Subjetividades.  
P s i c o l o g i a  
q u i l o m b o l a .  
Contra colonial.

**Keywords:**

T r a d i t i o n a l  
k n o w l e d g e .  
Subjectivities.  
Q u i l o m b o l a  
p s y c h o l o g y .  
Counter-colonial.

# UMA PSICOLOGIA QUILOMBOLA? A CONTRIBUIÇÃO POTENCIAL DE ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS PARA A PSICOLOGIA

## *A Quilombola Psychology? The Potential Contribution of Antônio Bispo dos Santos to Psychology*

**Resumo:** Utilizando a crítica do mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos ao modo de vida hegemônico de nossa sociedade chamada moderna, e seus saberes de mestre pertencentes a um arranjo social considerado tradicional, este artigo pretende investigar a possibilidade de enunciarmos uma psicologia quilombola. Provisoriamente, entende-se por isso algumas “fórmulas de cura” quilombolas, enquanto modos contra coloniais que fazem frente às patologias sociais que marcam, do ponto de vista de Antônio Bispo, o modo de vida eurocristão colonizador. Foram analisadas as obras tanto escritas como faladas do mestre, atentando para o valor da transmissão oral dos conhecimentos na tradição quilombola, no intuito de delinear uma crítica contra colonial ao modo de vida pretensamente moderno, demarcando algumas diferenças existentes entre os arranjos sociais gerados pelo o que Bispo designa de cosmovisões distintas (a sua própria e a que ele critica) e as consequentes diferenças nos processos de subjetivação.

**Abstract:** *Using the critique of the quilombola master Antônio Bispo dos Santos on the hegemonic way of life of our so-called modern society, and his knowledge as a master belonging to a social arrangement considered traditional, this article intends to investigate the possibility of enunciating a quilombola psychology. Provisionally, this is understood as some quilombola “cure formulas”, as counter-colonial ways that confront the social pathologies that mark, from Antônio Bispo’s point of view, the colonizing euro-christian way of life. The master’s written and spoken works were analyzed, paying attention to the value of the oral transmission of knowledge in the quilombola tradition, with the aim of outlining a counter-colonial critique of the supposedly modern way of life, demarcating some existing differences between the social arrangements generated by what Bispo calls distinct worldviews (his own and the one he criticizes) and the consequent differences in subjectivation processes.*

## INTRODUÇÃO

Utilizando a obra escrita e falada do mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos, morador do Quilombo Saco-Curtume, localizado no município de São João do Piauí/PI, o presente artigo pretende se aprofundar nas diferenças existentes entre os arranjos sociais gerados pelo que ele chama de cosmovisões distintas – a sua própria e a que ele classifica de eurocristã, em menção aos processos de colonização realizados por sociedades europeias adeptas do cristianismo – e nos efeitos desses arranjos nos processos de subjetivação, objeto privilegiado de estudo da psicologia. Para tal, foram analisadas as discordâncias existentes nas relações de trabalho, nas relações dos sujeitos com a comunidade – o ambiente físico e as pessoas, e nas formas de consumo.

As práticas científicas não se desvinculam de seus atores, tampouco ignoram, como afirma Cunha (2007), o contexto político e social (e, consequentemente, o contexto histórico) no qual estão inseridas. De acordo com Figueiredo e Santi (2008), o surgimento da psicologia como ciência, no século XIX, se dá na conjuntura de

crise da subjetividade privatizada, decorrente das mudanças ocorridas nas relações econômicas e sociais e consequente acentuação dos processos de individualização.

O processo de industrialização de algumas sociedades ocidentais do século XIX, associado à perda dos meios próprios de produção de grande parte da população, segundo Figueiredo e Santi (2008), gerou uma nova massa de mão de obra livre, que passa a alugar seu tempo e sua capacidade de trabalho em troca de um pagamento em dinheiro, com o qual compra o que precisa para viver. De Masi (2000) afirma que repensar as relações de trabalho fez com que toda a vida fosse reorganizada. Os trabalhadores, que antes desenvolviam atividades variadas em seu próprio lar ou comunidade, passaram a sair para as fábricas e se especializaram numa tarefa específica. As cidades, de forma equivalente, também se especializaram: se dividiram entre zona industrial, bairros residenciais, comerciais e áreas de lazer, onde se trabalha, se descansa, se compra e se diverte, cada atividade realizada em seu respectivo lugar.

Figueiredo e Santi (2008) concluem que os vínculos com os meios de produção e a interdependência comunitária precisaram desaparecer

para que surgisse o trabalhador livre, cuja liberdade é ao mesmo tempo ambígua e negativa: negativa, pois, ao ganhá-la, o trabalhador perde seus meios de sustentação, o apoio e a solidariedade do grupo, passando a ter que procurar por seu sustento de forma isolada; e ambígua por ter a liberdade de escolher lutar por melhores condições de vida, enriquecer e mudar de posição na sociedade, mas, ao mesmo tempo em que pode subir, pode também cair e chegar à miséria, sem que ninguém se solidarize com ele.

Como forma de preencher o vazio deixado pela perda dos vínculos, essa nova sociedade atomizada tomou o hábito do consumo em excesso, de coisas necessárias e desnecessárias. Krenak (2019, p. 12) recorda que “José Mujica disse que transformamos as pessoas em consumidores, e não em cidadãos”. É nesse contexto de sociedade industrial, da subjetividade privatizada, desvinculada de seu território e dos afetos, que consome como forma de distração, que surge o psicólogo, profissional que atua em (e faz parte de) contextos sociais semelhantes, tendo em vista que “vivemos ainda, e cada vez mais (se assim se pode dizer), no prolongamento da segunda aceleração, a revolução industrial do século XIX” (Clastres, 1979, p. 194).

A Psicologia nem sempre existiu, “[...] sabemos que ela é criada para responder a necessidades específicas de um tempo histórico, saber que seus saberes são consensos sociais, frutos de acordo, na medida em que o que chamamos de teoria é um saber que responde adequadamente a uma pergunta da sociedade” (Bock, 2010, p. 257). Mas, se em lugar de buscar transformar também as estruturas sociais, a psicologia se propuser a tratar apenas o sofrimento individual, ela atuará somente no sintoma, já que a causa permanece presente. Se o saber científico se propõe a responder questionamentos da sociedade, as perguntas devem ser lançadas para além dos indivíduos.

É o que Antônio Bispo dos Santos, lavrador e líder quilombola, aparentemente se propõe a fazer ao lançar luz desde uma perspectiva dita tradicional sobre as características da organização social que critica. O referido pensador aponta para alguns dos principais problemas dessa sociedade e as suas causas, e elabora propostas de soluções suportadas nas práticas de sua organização social, baseadas no que chama de biointeração – um arranjo social orgânico, intermediado por outras formas de se relacionar com a comunidade, com o trabalho e com o consumo, maneiras que não se desconectam da vida nem inviabilizam outras formas de existência, no qual o conhecimento acumulado é transmitido entre gerações, por meio dos modos e práticas que reproduzem. Segundo Cunha (2007, p. 78):

Para o senso comum, o conhecimento tradicional é um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por antepassados e a que não vem ao caso acrescentar nada. Nada mais equivocado. Muito pelo con-

trário, o conhecimento tradicional reside tanto ou mais nos seus processos de investigação quanto nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores.

Dessa forma, pretende-se refletir parte do conhecimento expresso por Antônio Bispo, por meio da análise da sua obra falada e escrita (foram selecionados e transcritos quatro vídeos disponíveis na internet, que contêm participações em mesas de discussão, falas ou palestras de Bispo, material que compõe o campo de pesquisa do artigo ao lado dos livros publicados *Colonização, quilombos: modos e significações* [2015] e *A terra dá, a terra quer* [2023]), situar contextualmente sua crítica ao formato social hegemônico e, a partir disso – embora o mestre não tenha pretensão de se tornar acadêmico, tampouco reivindicar qualquer psicologia assim nomeada – espera-se investigar a possibilidade de se depreender uma psicologia quilombola, entendendo por isso algumas das “fórmulas de cura” contra coloniais – políticas e outras formas de existência, que façam frente às patologias sociais que marcam, do ponto de vista de Bispo, o modo de vida eurocristão colonizador.

A possibilidade de afirmar uma psicologia quilombola nos saberes traduzidos por Antônio Bispo se conecta ao entendimento do psicólogo social Ignacio Martín-Baró (1996), segundo o qual a atuação do profissional deve focar a conscientização do sujeito, para que este venha alcançar um saber crítico sobre si mesmo por meio da compreensão do contexto social no qual está inserido, e, assim, contribuir no processo de formação de uma subjetividade ao mesmo tempo pessoal e coletiva, que responda às verdadeiras necessidades dos povos. Aparentemente, essas são também as características das intervenções de Antônio Bispo na expressão de seus saberes adquiridos nos modos e práticas de seu povo, a partir dos quais pode-se extrair possíveis soluções para patologias sociais vividas por nossa sociedade. Para averiguar tal ponto, buscou-se estabelecer as pontes existentes entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais, tendo em vista que ambos procuram saciar o mesmo apetite de saber, apesar de possuírem premissas diferentes sobre o mundo (Cunha, 2007).

## AS RELAÇÕES COM O TRABALHO

De acordo com Quintaneiro, Barbosa e Oliveira (2003), o pensador Karl Marx afirma que as forças econômicas, expressas no conjunto das relações de trabalho e de produção, estabelecem a estrutura sobre a qual se constituem as instituições políticas e sociais. Enquanto instituições, podemos compreender não apenas as físicas como também as subjetivas, experimentadas pelos sujeitos enquanto participantes dessas relações. “O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência

dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência" (*Ibidem*, p. 36).

Se por um lado pode-se questionar a visão marxista como um determinismo sociológico que elimina as singularidades enquanto potências – questionamento que ganha corpo na descrição de Antônio Bispo sobre os modos quilombolas de produção, por outro lado, é fato que desde a afirmação do capitalismo enquanto modo de produção globalmente hegemônico, a história passou a contar de forma cada vez mais naturalizada a segmentação nas relações de convivência e as desigualdades sociais cada vez mais abrangentes, decorrentes da separação entre trabalho manual e intelectual. Nessas sociedades, segundo as mesmas autoras, as relações de trabalho firmadas tiveram como base a propriedade privada dos meios de produção, a exploração daqueles aos quais foram negados os meios de produção (cuja mão de obra passa a ser negociada como qualquer outra mercadoria), e o cerceamento da liberdade e das potencialidades dos explorados. O trabalhador é convertido em simples mercadoria, tanto mais barata quanto mais mercadorias produzir.

Como consequência, o trabalhador se relaciona com o produto do seu trabalho como algo que lhe é alheio, sua atividade não está sob seu próprio domínio, e passa a ser exercida como mera forma de sobrevivência, fato ao mesmo tempo econômico e social. A consciência humana resultante é, então, alienada, cindida, que se percebe como algo estranho a si, e as subjetividades são produzidas em meio a atividades e energias (física e espiritual) que não lhe pertencem. "Marx considera que o trabalhador não se sente feliz, mortifica seu corpo e arruína seu espírito no trabalho que é obrigado a fazer, que é externo a ele. E se não existisse coação ele fugiria do trabalho como da peste" (*Ibidem*, p. 52).

Clastres (1979) afirma que nas sociedades chamadas primitivas não há trabalho para o outro, os sujeitos são senhores tanto de suas atividades como da circulação dos produtos derivados dessas atividades, e o fazem em prol de uma sociedade igualitária. Tampouco há produção em excesso, não por falta de técnicas disponíveis, pelo contrário. Essas sociedades dispõem de ferramentas e de tempo suficientes para aumentarem a produção de bens consumíveis e materiais caso assim o desejem, mas não o fazem por se recusarem a trabalhar mais tempo que o necessário para suprir as necessidades do grupo, para assim haver mais tempo para outras atividades, associadas ao prazer e ao gosto pela vida.

Bispo situa o processo de colonização anteriormente à ascensão do capitalismo e aponta para a responsabilidade desse processo como causa do arranjo social do trabalho e suas relações opressoras. Santos (2015a) utiliza documentos religiosos e passagens bíblicas para inferir o trabalho como instrumento de castigo nas sociedades eurocristãs. Para além da punição,

Bispo enxerga que o trabalho tem, na ótica colonizante, o papel de desumanizar. Clastres (1979) reforça esse argumento ao afirmar: "É sempre pela força que os homens trabalham para além das suas necessidades. E precisamente essa força está ausente do mundo primitivo, a ausência dessa força externa define a própria natureza das sociedades primitivas" (p. 189), atentando para o fato de que "primitivo" é o termo usado pelas sociedades colonizadoras para designar as demais sociedades.

Nas sociedades eurocristãs, a desvalorização do mundo humano cresce na mesma proporção em que o mundo das mercadorias é valorizado, e "[...] talvez por isso o produto concreto do trabalho (castigo) tenha evoluído facilmente para a condição fetichista de mercadoria sob o regimento do 'Deus dinheiro'" (Santos, 2015a, p. 40). Essa combinação de fatores relacionados ao trabalho se configura, segundo Bispo, numa maldição, um terror psicológico frente ao qual ele questiona: "Quem é que precisa ganhar 30 mil reais por mês e por que que precisa?", ao passo que ele mesmo dá o diagnóstico: "Porque está pirado, não tem tempo para viver. Só isso" (Santos, 2019a).

Além do diagnóstico, Bispo apresenta também uma proposta contra colonial à divisão de trabalho. Marx sugere, de acordo com Quintaneiro, Barbosa e Oliveira (2003), que se imagine a reunião de pessoas livres que unam suas forças e trabalhem com meios de produção comuns, trabalho cujo produto é social, partilhado, na qual uma parte é destinada ao consumo e outra volta a ser meio de produção. O que Marx acredita ser necessário para uma revolução ocorrer nas sociedades eurocristãs, Bispo apresenta como já existente, de forma orgânica, nas sociedades contra colonizadoras, como na descrição dos dias de pesca:

Algumas pessoas remendavam tarrafas, outras cortavam palhas para fazerem tapagens, outras retiravam balseiros de dentro d'água, outras distribuíam cachaça, bolos e tira-gosto, outras faziam café e assim por diante. Tudo isso coordenado pelos mais velhos ou os que mais se destacavam pela habilidade no desempenho de determinadas tarefas. [...] Nem todo mundo tinha material de pesca. Por isso uns jogavam tarrafas, uns mergulhavam para desenganchar, uns colocavam os peixes na enfiadeira, etc., de forma que todos participavam. Independente da atividade desempenhada por cada um, no final todas as pessoas levavam peixes para casa e a medida era o que desse para cada família comer até a próxima pescaria. Seguindo a orientação das mestras e mestres [...] (Santos, 2015a, p. 82).

Existe uma divisão de tarefas que não é imposta por alguém que possui os meios de produção, mas definida em conjunto, de acordo com as habilidades e possibilidades de cada participante. Há uma liderança que não objetiva se apropriar da produção, mas observar o que é melhor para o grupo e para o ambiente onde vivem, além de

compartilhar o conhecimento que detêm sobre a prática, que ocorre de maneira coesa, inteirada. Em vez de produzirem em excesso, os envolvidos na atividade trabalham o suficiente para atender às necessidades coletivas.

Como opção de cura para a mortificação do corpo e a ruína do espírito descritas por Marx, Bispo apresenta também os modos de trabalho na casa de farinha, onde esforços e afetos se misturam. Trabalho, descanso, diversão e prazer no mesmo lugar, ao mesmo tempo. Para contrapor o trabalho como forma de castigo, o mestre quilombola propõe a comunhão prazerosa da biointeração, uma forma diferente de se conectar com o espaço e o trabalho que se realiza:

Tudo isso acontece mediante poucas palavras, quase ninguém percebeu, mas a menina já emitiu outra mensagem: à noite ele deve ajudá-la a lavar a massa. E assim se lava a massa, se colhe a tapioca, se torra a farinha, se faz o beiju; e assim se namora, marca noivado, e vive-se durante um longo período, onde se faz muita força, mas toda essa força se transforma em festa. Na maior parte das vezes, ninguém ganha dinheiro nesse processo. As pessoas ou recebem parte da produção ou recebem ajuda em outras farinhadas ou em quaisquer outras atividades que precisarem (Santos, 2015a, p. 84).

Ali as atividades também são divididas, mas de modo que confluem num mesmo momento, num mesmo ambiente. Existem diferenças, não desigualdades. Não há uma linha de produção, mas um círculo produtivo onde as pessoas não perdem as outras de vista e nem o produto de seus trabalhos. No lugar da linearidade característica da disposição hierárquica entre topo e base, Bispo apresenta a circularidade, que é algo particular dos modos de produção quilombola. Para Clastres (1979), o trabalho nas sociedades primitivas não funciona de maneira autônoma, ela faz parte da vida e serve a ela. De maneira análoga, é possível afirmar que a potência produtiva coletiva quilombola não é capturada pela lógica colonizante.

Segundo Quintaneiro, Barbosa e Oliveira (2003), Marx critica a forma como os modos de produção das sociedades hegemônicas determinam a consciência dos homens, mas também aponta o trabalho como atividade humana básica, a partir da qual surgem os processos de produção e de reprodução da vida e se constitui a história dos homens, o que Bispo não aparenta negar. O mestre quilombola despreza, sim, a lógica colonialista de produção e acúmulo de riquezas, pois, para ele, o

[...] conceito de riqueza é outro. Qual é o meu conceito de riqueza? É eu chegar, de manhã na minha casa, arrumar minha rede na área e ficar conversando com os vizinhos. Vai passando um vizinho: 'ei, encosta aqui, tem um café aqui. Vem tomar um café'. 'Ei, encosta aqui, tem uma melancia, encosta aqui. Senta aqui, vamos conversar. Oh, o sol está muito quente, hoje eu não vou trabalhar [...]'. Isso é que é riqueza. Por que uma pessoa tem que

trabalhar todos os dias, oito horas por dia? [...] Que matemática é essa? Por que e para quem? (Santos, 2019a).

É uma rejeição aos valores colonialistas entender que o emprego e o trabalho em excesso não produzem riquezas, pois, para Bispo, estas estão localizadas justamente no tempo em que ele não está trabalhando. A riqueza está, para ele, do lado oposto do emprego e do trabalho em excesso, e não como produto destes. Para Segundo Nogueira (2020), as práticas traduzidas por Antônio Bispo mantêm vivas as tecnologias contra coloniais divinas da preguiça e da malandragem, criminalizadas pela colonização. A malandragem enquanto arte de manter-se brincando mesmo depois de crescido, e, por continuar sabendo se divertir, não ter a necessidade de colonizar a vida. E a preguiça enquanto tecnologia de trabalhar apenas o necessário, enquanto conhecimento do tamanho da sua força e sabedoria em usá-la de forma a não perder o encanto pela vida. Bispo se mostra, assim, um amante da vida, que coloca o tempo do café com seus vizinhos acima de qualquer lucro. A sugestão contida na prática quilombola traduzida por Antônio Bispo é a produção de sujeitos que não se descolem da vida, que não percam o prazer em viver.

## AS RELAÇÕES COM A COMUNIDADE

Antônio Bispo demarca também as diferenças existentes nas relações com a comunidade onde se vive – com o espaço físico e com as pessoas. De acordo com o mestre, no seu quilombo existe “[...] uma força vital que integra todas as coisas. As pessoas, ao invés de trabalhar, interação com a natureza e o resultado dessa interação, por advir de relações com deusas e deuses materializados em elementos do universo, se concretizam em condições de vida” (Santos, 2015a, p. 41).

Carvalho, Pedrosa e Rossetti-Ferreira (2012) apontam que, mesmo para os nossos ancestrais mais antigos, ainda nômades, os acampamentos constituíam importante foco social. Segundo as autoras, supõe-se, com base em indícios fósseis e nos modos de vida das comunidades de caçadores e coletores ainda existentes, que nos acampamentos temporários já havia uma divisão do trabalho, e que a mesma gerou grande necessidade de cooperação e tornou os sujeitos dependentes da atividade e da confiança dos outros membros.

[...] foram o estabelecimento do acampamento-base, a divisão de trabalho e a cooperação na obtenção de alimentos que contribuíram primordialmente para a formação de um grupo social coeso, dentro do qual era possível uma educação prolongada para as crianças, essencial para equipar os indivíduos com as habilidades e conhecimentos necessários para uma vida social complexa e para a economia do grupo (*Ibidem*, p.54).



Pode-se admitir então que a conexão com o local onde se vive e a vida em grupo fazem parte do processo de evolução e adaptação do ser humano, e é esse modelo de sociedade que Antônio Bispo verbaliza como ainda vigente em seu povo, na qual a imersão no mundo sociocultural e as interações sociais têm papel crucial no desenvolvimento individual. Nas sociedades eurocristãs, porém, o processo de industrialização gerou uma nova massa de mão de obra livre que passa a alugar seu tempo e sua capacidade de trabalho em troca de um pagamento em dinheiro, com o qual compra o que precisa para viver. De Masi (2000) afirma que a reorganização das relações de trabalho fez com que todas as demais relações da vida fossem reformuladas. Os trabalhadores, que antes desenvolviam atividades variadas em seu próprio lar ou comunidade, passaram a precisar sair para as fábricas e realizar tarefas específicas. As cidades, de forma equivalente, também se segmentaram: se dividiram entre zona industrial, bairros residenciais, comerciais e áreas de lazer. Cada atividade tem o seu devido lugar a se realizar. O sujeito eurocristão acabou modificando, então, não apenas sua forma de trabalho, como também as suas relações com o local onde vive.

Bispo diz que “o homem que não tem acesso à terra não tem acesso à vida” (Santos, 2015a, p. 121), e aqui, é importante demarcar como este acesso se dá de forma diversa nas sociedades eurocristãs em comparação com a sociedade do mestre quilombola. De acordo com Chauí (2000), nas sociedades hegemônicas há uma acentuação da diferenciação entre natureza e civilização, sendo a última caracterizada como “[...] o reino da liberdade e da finalidade proposta pela vontade livre dos próprios homens, em seu aperfeiçoamento moral, técnico e político” (*Ibidem*, p. 57). Já a natureza é algo a parte, separada, que deve ser dominada e utilizada como recurso pelo homem em seu pretensão aperfeiçoamento. A terra passa a ser considerada cada vez menos sagrada e cada vez mais como objeto. Esse homem, desterritorializado e antinatural, é obrigado a se reterritorializar em um local sintético, artificial, segmentado, com o qual mantém uma relação fria.

Ainda de acordo com De Masi (2000), não se poderia organizar o trabalho na grande indústria dos trabalhadores livres sem obrigar as pessoas a reorganizarem também as suas relações afetivas. Conforme sugerem Figueiredo e Santi (2008), a lógica de mercado toma conta das relações humanas e cria a ideia de que cada um deve defender seus próprios interesses, enfraquecendo as relações de interdependência e cooperação do grupo. Os interesses do coletivo são deixados de lado e a necessidade de garantir a própria sobrevivência passa a ser de responsabilidade exclusiva do indivíduo, o que desfaz a coesão que mantinha unida a comunidade. Não há mais subjetividade coletiva, ela passa a ser privatizada.

A vinculação com o grupo precisa desaparecer para que surja o trabalhador livre, mas essa liberdade é ambígua e sobretudo negativa, tendo em vista que para alcançá-la, o sujeito perde apoio e as interações sociais que têm grande importância para o seu desenvolvimento. Figueiredo e Santi (2008) afirmam, ainda, que são em situações de crise social, quando tradições culturais são contestadas, que ocorrem as grandes rupturas de problema nessa experiência subjetiva privatizada, e os processos de colonização certamente foram e continuam sendo, nas palavras de Antônio Bispo, propulsores dessa crise.

A alteração na relação com o local onde se vive tem impacto na força vital que integra todas as coisas que, segundo o mestre quilombola, se concretizam em condições de vida. Os modos de vida traduzidos por Bispo denotam uma resistência ao modelo ocidental hegemônico e uma tentativa de manutenção dessa força vital expressa nas relações com a terra e com a comunidade. O mestre quilombola recusa o conceito de propriedade privada para exaltar a relação comunitária e biointerativa de seu povo com a terra, imprescindível para a reprodução física e cultural de seus costumes e tradições.

Acredito que seja essa estreita relação dos povos de lógica cosmovisiva politeísta com os elementos da natureza, é dizer, a sua relação respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os elementos vitais, uma das principais chaves para compreensão de questões que interessam a todas e a todos. Pois sem a terra, a água o ar e o fogo não haverá condições sequer para pensarmos em outros meios (Santos, 2015a, p. 90).

E se a substituição do plural pela unidade é o cerne da crise da subjetividade privatizada eurocristã, como proposta de saída dessa crise, Antônio Bispo apresenta os fundamentos e princípios filosóficos comunitários quilombolas que, segundo ele, são verdadeiros ensinamentos de vida. Os interesses da comunidade são priorizados, sem que as individualidades sejam deixadas de lado.

[...] quanto mais crescem os rios, mais fortalece o mar. Quanto mais acabam os rios, mais prejudica o mar. Não é porque o rio contribui com o mar que ele vai deixar de ser rio, e nem é porque o mar recebe contribuição do rio que ele vai deixar de ser mar. Mas a lógica do pensamento colonizador é diferente (Santos, 2015b).

Enquanto os eurocristãos pensam do coletivo para o individual, Bispo afirma que seu povo pensa do individual para o coletivo, ignorando as relações lineares de hierarquização e dominação, características das sociedades hegemônicas. Baseadas em estratégias de pluralidade, mesmo as ações aparentemente individualizantes são, na verdade, tomadas visando o bem coletivo.

[...] a comunidade levou várias crianças pra escola pra aquelas que tivessem mais facilidade de dominar a linguagem escrita, é em quem ela ia investir, eu fui uma dessas crianças. Então

eu fui pra escola não pra aprender uma profissão [...], eu fui pra escola pra aprender como é que os colonialistas organizam os seus pensamentos e traduzir isso pro saber oral do meu povo (Santos, 2019b).

Antônio Bispo fala de uma missão que é sua, mas que não é individual, e sim coletiva. Ainda criança, por recomendação dos mais velhos, aprendeu a ler, mas não se tratava de um projeto individual, e sim de proteção das condições de bem-estar necessárias para manter a coesão do grupo. Nesse aspecto, Nogueira (2020) ecoa a importância da orientação da ancestralidade no caminho a ser percorrido pela comunidade, para que ela não se perca e para que, ao contrário do que ocorre nas sociedades hegemônicas, ninguém seja pisado. Enquanto nas sociedades eurocristãs vigora a lógica de dividir para dominar, as sociedades contra colonizadoras oferecem a arte de compartilhar para viver.

Quilombo não é um lugar de negro escravizado. Quilombo é um lugar de uma civilidade humana diferente. Isso é que é Quilombo. Nos quilombos não tem mendigo, e como que dizem que os quilombolas são pobres? Nos quilombos não tem gente morando na rua. Nos quilombos não precisa creche e nos quilombos não precisa asilo. É uma coisa que a gente não entende, como é que uma sociedade bota geração avó no asilo e bota geração neta na creche? E ainda diz que faz isso porque é rico, porque tem condição para pagar. O que é isso? No Quilombo é começo, meio e começo: geração vó é o começo, geração mãe é o meio e geração neta é o começo de novo (Santos, 2019a).

O modo de vida quilombola segue produzindo subjetividades coletivistas e integradas, o que, segundo Nogueira (2020), “[...] nos torna amantes da vida, colocando as pessoas acima do mercado. É um tipo de decreto que nos impede de medir uma pessoa pelo lucro que ela poderia gerar se matando”.

## AS FORMAS DE CONSUMO

Se uma pessoa pode ser medida pelo lucro que ela gera, ela se torna um produto. Krenak (2019, p. 20) nos recorda que, “como disse o pajé yanomami Davi Kopenawa, o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar”. Essa é uma das características das sociedades eurocristãs, que Bauman (2008) classifica como sociedade de consumidores. Nela, os processos de subjetivação concentram-se num esforço constante em manter-se com as características exigidas de um produto vendável, pois, para se tornar sujeito, é necessário, primeiro, virar uma mercadoria. “A característica mais proeminente de uma sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias; ou antes, sua dissolução no mar de mercadorias [...]” (*Ibidem*, p. 20).

O sociólogo situa o consumo enquanto elemento necessário para a sobrevivência biológica de todos os seres humanos, mas afirma que esse espaço foi colonizado por uma revolução consumista, pela qual o consumo se torna consumismo e se transforma no real propósito da existência humana. Ansia por consumir passou a ser a principal força propulsora do convívio humano,

[...] uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais (*Ibidem*, p. 41).

Importante ressaltar o destaque para o caráter individual das políticas de vida do sujeito da sociedade de consumidores, que, desconfortáveis com “[...] estresse ou depressão, jornadas de trabalho prolongadas e antissociais, relacionamentos deteriorados, falta de autoconfiança e incertezas enervantes sobre estar estabelecido de maneira segura [...]” (*Ibidem*, p. 62) – patologias sociais eurocristãs pontuadas por Antônio Bispo, correm atrás da promessa de felicidade instantânea que o consumo de grande volume de mercadorias traria, apesar de as evidências indicarem, ainda de acordo com o sociólogo, que o efeito é contrário:

[...] é só até certo patamar que o sentimento relatado de ser feliz cresce de acordo com os incrementos de renda. Esse patamar coincide com ponto de satisfação das ‘necessidades de sobrevivência’ [...] Acima desse patamar bastante modesto, a correlação entre riqueza (e também, pode-se presumir, nível de consumo) e felicidade se esvai (*Ibidem*, p. 61).

O consumismo pode, então, ser visto como um sintoma do adoecimento da sociedade eurocristã, ou como um remédio sem eficácia buscado na tentativa de tratar outro mal, a melancolia. Seguindo com Bauman (2008), o conceito de melancolia em seu uso atual diz respeito a tornar-se consciente de que não se está atado a coisa alguma. Como um objeto à deriva num mar de mercadorias, afundando ou reemergindo de acordo com a maré de estímulos, ser melancólico é experimentar uma infinidade de conexões efêmeras sem estar engatado a qualquer uma delas. Esse adoecimento se torna um círculo vicioso, tendo em vista que para consumir muito, um sujeito precisa trabalhar muitas horas a fim de obter o dinheiro necessário. As longas jornadas de trabalho têm como efeito colateral o enfraquecimento dos vínculos afetivos do indivíduo, que, melancólico, mergulha no mar das mercadorias.

Bispo, porém, fala a partir de outro lugar. Conectado aos vínculos que mantém com seus pares, que insistem em permanecer coesos e territorializados, em reproduzir física e culturalmente seus modos, costumes e tradições. E, por isso, se relaciona com o consumo de maneira orgânica, mantendo o mesmo mais próximo daquilo que é

somente o necessário para a sobrevivência biológica. E é insistindo nos seus modos que Bispo recusa a melancolia.

Eu tô bem, meus netos estão bem, sabe, minhas netas estão bem, [...] quem tá na crise é o pessoal que precisa visitar a Europa todos os anos, eu não preciso. Quem tá na crise é o pessoal que precisa trocar de carro todo ano, eu não preciso nem ter um carro. [...] Não, essa crise não é minha. Essa crise é de quem precisa comprar roupa todo dia, eu só troco de roupa quando uma roupa rasga, mas quando rasga que não cabe mais nenhum remendo, porque enquanto cabe um remendo, minha mãe remenda divinamente bem. O remendo que minha mãe põe numa roupa é um bordado. Então essa crise não é minha, essa crise é de quem precisa sintetizar a natureza e acumular materiais (Santos, 2019c).

O bordado da mãe não é citado à toa, pois a recusa ao consumismo foi ensinada por aqueles a quem ele chama de mestras e mestres. Sendo a expressão “mestre” utilizada para alguém de excepcional saber, Bispo serve-se dela sempre no plural e demonstra assim que os saberes estão diluídos nos modos e práticas de seu povo. Ao falar da infância, Bispo narra o que aprendeu com uma de suas mestras em uma pescaria que prometia ser farta:

Não pegue mais peixe meu filho, porque o lugar de guardar peixe é na água. Porque na água o peixe continua se multiplicando, continua crescendo. Guardar peixe no freezer é uma violência contra todas as vidas. Lugar de guardar peixe é na água, lugar de guardar fruto é nas árvores [...] se ele cair é acidente, um animal silvestre vai levar ele pra outro canto, e lá ele vai germinar. Guardar fruto no freezer e deixar apodrecer é uma violência contra a vida (Santos, 2019c).

As práticas quilombolas se configuram, então, no antídoto contra o círculo vicioso vivido pelas sociedades eurocristãs. O consumismo é recusado por Antônio Bispo baseado em saberes voltados para a composição do ser, e não para a consumação do ter. O mestre quilombola exalta o conhecimento que lhe foi passado em detrimento das posses:

[...] eu me sinto um tradutor dos saberes do meu povo, porque foi isso que meu povo me ensinou, [...] e eu sou uma das pessoas que menos tem bens materiais na comunidade que eu vivo. Porque eu acredito que as informações que eu tenho são suficientes pra mim viver, eu não preciso acumular. Eu sei fazer, eu sei extrair da natureza, eu sei pescar, eu sei colher fruta, eu sei fazer um assento, eu sei fazer uma porta, eu sei fazer a minha casa [...]. Se eu sei fazer, eu não preciso guardar (Santos, 2019c).

## UMA PSICOLOGIA QUILOMBOLA?

“Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio” (Santos, 2023, p. 59).

São esses saberes e modos, expressos nas práticas quilombolas e traduzidos pela oralidade do mestre Antônio Bispo, que estão se propondo chamar de psicologia quilombola. De acordo com Aronson, Wilson e Akert (2015), as culturas ocidentais tendem a evidenciar um estilo de pensamento analítico, no qual se foca as propriedades das pessoas sem considerar o seu contexto. Bispo classifica esse pensamento como linear, e apresenta um modo de pensar que ele chama de orgânico ou circular, atento ao ambiente físico e social das pessoas e às formas com as quais elas se relacionam com esse contexto. O mestre quilombola fomenta um debate sobre as diferentes relações surgidas nos processos de colonização e de contra colonização e as subjetividades produzidas nesses processos, utilizando os saberes construídos intimamente conectados à sua terra e à sua comunidade para criticar e recusar os modos de vida hegemônicos e as suas relações, inclusive com o saber.

Bispo afirma que o povo colonialista produz um saber linear, que olha em somente uma direção, “[...] o saber sintético, que é um saber extraído. Logo, é por isso que eles precisam estar sistematizando as coisas, sintetizando e pensando do amplo para o reduzido” (Santos, 2019b). Por outro lado, o pensamento de Antônio Bispo percorre o caminho oposto, do segmentado para o integrado. “Eu compreendo que ninguém entende um rio porque vê uma enchente, eu só conheço o rio se eu conhecer a sua nascente. A enchente é passageira, temporária, [...] mas enquanto tiver nascente tem rio, então é preciso conhecer a nascente” (Santos, 2019a).

A importância do contexto social fica expressa em seu discurso, que busca na origem da estrutura eurocristã a compreensão dos processos de subjetivação dos indivíduos e as relações que eles mantêm, entre si, com o local onde vivem e com o trabalho. Por outro lado, quando se pensa na figura do psicólogo, segundo Figueiredo e Santi (2008), a primeira imagem que vem à cabeça é a do psicólogo clínico que atende o indivíduo ou pequenos grupos. É aí que reside, de acordo com o psicólogo social espanhol radicado em El Salvador, Ignacio Martín-Baró, a maior quantidade de críticas aos profissionais de psicologia, que se dedicam majoritariamente a determinados setores da sociedade e o fazem centrando a atenção nas raízes pessoais dos problemas, ignorando os fatores sociais e assim incorporando o que Bispo classifica como saber linear, que olha apenas em uma direção. Para Martín-Baró (1996), considerar o contexto social como algo natural e inquestionável faz com que recaia sobre o indivíduo a responsabilidade de buscar a solução de seus problemas, solução que, por vezes, dá lugar ao simples ajuste do indivíduo ao contexto tido como imutável.

De maneira contrária, Bispo amplia o olhar e mira na ordem social estabelecida – os processos de colonização ainda vigentes e as decorrentes relações de trabalho e com a comunidade, que se configuram como nascentes do rio de patologias

sociais que se materializam em sofrimentos individuais. “Eu não entendo nada de pós-colonial, porque pra nós o colonialismo nunca terminou. O colonialismo é permanente, enquanto houver a sociedade eurocristã monoteísta, haverá colonialismo” (Santos, 2019b).

Martín-Baró (1996) defende que a atuação do psicólogo deve focar primordialmente na conscientização do indivíduo, para que este venha alcançar um saber crítico sobre si mesmo, sobre seu mundo e sobre sua inserção nesse mundo. “[...] A conscientização supõe uma mudança das pessoas no processo de mudar sua relação com o meio ambiente e, sobretudo, com os demais” (Martín-Baró, 1996, p. 17), e, nesse processo, o psicólogo pode contribuir para a formação de uma identidade ao mesmo tempo pessoal e coletiva, que responda às verdadeiras necessidades dos povos. E é pensando conectado ao seu mundo, reproduzindo os saberes de um povo coletivista que vive intimamente ligado ao ambiente que habita, que Bispo aponta características patológicas das sociedades eurocristãs e suas causas, ilustrando com suas experiências as propostas de cura que são oferecidas para plateias muitas vezes compostas por não quilombolas. “Logo, são maneiras diferentes de pensar, de ver e sentir o mundo. [...] Não é dentro dessa lógica da sociedade do desenvolvimento que nós vamos resolver nossas questões” (Santos, 2019a).

Pelo contrário, a lógica colonialista é vista por Bispo como causadora dos problemas e, por isso, recusada. Os saberes quilombolas por ele traduzidos se mostram distintos, e o mestre pontua essa diferença: “[...] então, passa a ter um povo que tem um pensamento voltado para o sintético e um povo que tem um pensamento voltado para o orgânico. O nosso pensamento é voltado para o orgânico, nós não pensamos desconectados da vida” (Santos, 2015b). Os saberes quilombolas não segmentam nem linearizam a vida, não ignoram a coletividade nem excluem as individualidades: “os nossos saberes orgânicos são saberes vivos, mas eles são saberes amplos e eles são saberes misturados, porque a nossa cosmologia é plural” (Santos, 2019b). A conscientização, para Bispo, passa por criticar e desfazer as relações baseadas no colonialismo. Segundo o mestre, “nós não precisamos desmanchar o colonialismo, nós precisamos destruir o colonialismo, pra não ficar pedaço nenhum, pra que não seja refeito” (Santos, 2019c).

Em se tratando de um contexto latino-americano, Martín-Baró (1996, p. 20) fala também contra os processos de colonização, ao afirmar que “[...] a psicoterapia deve apontar diretamente para o desaparecimento de uma identidade social cultivada sobre os protótipos de opressor e oprimido, e a configurar uma nova identidade das pessoas enquanto membros de uma comunidade humana [...]”, e convoca os psicólogos a contribuírem a partir de uma atuação tanto científica como prática. Nessa mesma linha, Antônio Bispo reafirma a potência de seus conhecimentos, recusando uma

hierarquia que privilegia o conhecimento acadêmico, e demonstra a capacidade prática dos saberes de seu povo na solução dos problemas:

É um saber que nos envolve com a vida. O saber que é operacionalizado pela linguagem escrita é um saber sintético, [...] sem operacionalidade, é um saber mercantilizado, estritamente mercantilizado. [...] o saber orgânico, que a academia convencionou chamar de saber tradicional, de saber empírico, de saber popular, que fica chamando das mais diversas formas pra enfraquecer, o saber orgânico ele é um saber resolutivo. Olha o que que Dona Joca disse, Dona Joca fez uma fala toda explicitando o caráter resolutivo do saber dela, ela disse como resolve as questões. Ela não disse apenas como compreende as questões, ela disse como compreende e como resolve (Santos, 2019b).

A psicologia quilombola se compõe, então, a partir dos saberes expressos nas práticas traduzidas pela oralidade de Antônio Bispo. Práticas de resistência à influência dos modos de vida hegemônicos baseados em pensamentos lineares e sintéticos, por expressarem saberes orgânicos e integrados, saberes plurais enraizados nos pares e no território e nas relações com os mesmos, que resolvem os problemas sem se desconectar da vida. As saídas apontadas por Bispo não dependem de algoritmos complexos ou de ciências de alta tecnologia, tampouco são simplistas ou teóricas. Os caminhos que ele aponta foram construídos ao longo de séculos de experimentação e a partir de muita sabedoria. “Nós acreditamos que o nosso saber nos sustenta” (Santos, 2019c).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antônio Bispo provavelmente recusaria o papel de psicólogo ou qualquer outro título que o aproximasse do saber acadêmico. Segundo o mestre quilombola, as universidades são locais de apropriação e hierarquização de saberes, instituições criadas na lógica colonialista onde se reproduzem pensamentos e relações lineares e sintetizadas (Santos, 2019c). Contudo, Bispo afirma também que seus saberes compõem um saber compartilhado, e mesmo criticando o saber científico e os modos de vida que o produzem, ele não se nega a compartilhar o conhecimento adquirido, inclusive em ambientes que ele considera colonialistas.

[...] ao aceitar ser convidados pra cá, nós não viemos pra dizer pra vocês como nós vamos contribuir pra construir o futuro de vocês a partir do nosso saber, mas nós viemos pra dizer como nós podemos contribuir para que vocês construam o futuro de vocês a partir do saber de vocês, com o nosso apoio (Santos, 2019b).

Sem utilizar conceitos abstratos ou análises especulativas, Antônio Bispo utiliza o conhecimento herdado das suas mestras e mestres e aprendido nas práticas de sua comunidade para elaborar essa contribuição, e ao fazê-lo



observando que o contexto social está baseado em instituições e relações colonizadas, sua intervenção se aproxima da psicologia social crítica de Martín-Baró (1996), segundo o qual o processo de conscientização é necessário para se descobrir as verdadeiras raízes dos problemas e se abrir o horizonte para novas possibilidades de ação. A consciência se demonstra ao falar de um saber que nos envolve com a vida, ao contrário do saber sintético, que, para se especializar, se distancia da mesma. Bispo aponta para a conscientização ao falar das escolhas que ele e seu povo fizeram, de se manterem conectados afetivamente entre si e ao local onde vivem, de recusarem uma nova lógica social e permanecerem trabalhando somente o suficiente para não perderem o encanto pela vida, persistirem consumindo apenas o necessário para o sustento biológico e evitando violar outras formas de existência.

Bispo certamente também se recusaria a institucionalizar os saberes e modos quilombolas e reduzi-los a uma caixa chamada psicologia, e tampouco esse é o objetivo do artigo. As críticas e sugestões oferecidas pelo mestre podem ser utilizadas como poderosas ferramentas formativas, gratuitamente disponibilizadas para o que ele chama de povo da academia. “[...] Eu sou contra o saber ser mercadoria. Eu sou contraditório, mas não sou inconsequente. Pra resolver os problemas do mundo nós precisamos liberar o

saber, o saber não pode ser mercadoria. Porque se você prende o saber, você prende o fazer” (Santos, 2019a).

Saber e fazer. Teoria e prática. Para Guattari e Rolnik (1996, p. 26), “[...] esse ponto é para mim fundamental, pois a representação teórica e ideológica é inseparável de uma práxis social, inseparável das condições dessa práxis”. E se para Karl Marx (Quintaneiro, Barbosa e Oliveira, 2003) os filósofos haviam se limitado a teorizar sobre o mundo e que seria preciso transformar teoria em prática para mudá-lo, a fim de construir uma sociedade mais justa e capaz de possibilitar a realização de todo o potencial de virtudes existente nos seres humanos, o que Antônio Bispo vem fazendo é traduzir seus saberes para a oralidade, saberes expressos em práticas nas quais a justiça social e a virtude humana ocorrem de maneira orgânica.

Como vimos, a vida é mais simples do que parece, desde que as nossas condições de vivenciá-la não estejam movidas pelos sentimentos de manufaturamento e sintetização. Por isso, convidamos a nós mesmo e a todos aqueles que sempre nos atacaram a vivenciar conosco todos os nossos desejos, sonhos e possibilidades, materiais e imateriais, de emancipação humana na diversidade, com a nossa capacidade de universalizar a vida a partir do processo de escolhas (Santos, 2015a, p. 100).

## REFERÊNCIAS

- ARONSON, Elliot; WILSON, Timothy; AKERT, Robin. **Psicologia Social**. 8. ed. São Paulo: LTC, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOCK, A. A Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, n. 30, p. 246–271, 2010.
- CARVALHO, Ana Maria; PEDROSA, Maria Isabel; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos**. São Paulo: Cortez, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Porto: Afrontamento, 1979.
- CUNHA, M. C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n. 75, p. 76–84, 2007.
- DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **Psicologia**: uma (nova) introdução. 3. ed. São Paulo: Educ, 2008.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do Psicólogo. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 2, n. 1, p. 7–27, 1996.

NOGUERA, Renato. Afroanarquismo, malandragem e preguiça. **N-1 edições**, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/pandemia-critica-101-afro-anarquismo-malandragem-e-preguica/>. Acesso em: 10 set. 2021.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardência Monteiro de. **Um toque de clássicos**: Marx Durkheim Weber. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015a.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Confluências: o modo quilombola de vida, e a sociedade do século XXI. **YouTube**, 16 dez. 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CQoJOiHyaTY>. Acesso em: 6 set. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Falando sobre Quilombolas. **YouTube**, 28 set. 2015b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OJZWP-FUpJU>. Acesso em: 13 set. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Saberes quilombolas – Parte 1. **Youtube**, 5 set. 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ByWld8Gonr8>. Acesso em: 22 out. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Saberes quilombolas – Parte 2. **Youtube**, 6 set. 2019c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aAjYeo5DYc>. Acesso em: 24 out. 2021.